

Tantos museus dentro da gente — Marco Tulio Resende

Texto: Tálisson Melo

"Colecionamos objetos mas não o espaço entre os objetos"

Enquanto a poeta Ana Martins Marques, em "Coleção", versa sobre a insuficiência das coleções em guardar as dimensões da experiência relacional entre as coisas, Marco Túlio Resende parece se lançar justamente na missão de inventariar e fazer conviver todos esses fragmentos. Ao longo de mais de cinco décadas, ele constrói imagens objetos que reencenam um processo contínuo — "me reconhecer no mundo".

Facas, escadas, livros, ossos, asas, gaiolas, ilhas, cabeças, pontes, pregos, silhuetas, partes de corpos e de manequins, bibelôs, ex-votos, mãos, pernas, bustos, pedras, frases em latim, grafismos de uma língua ainda ágrafa: tudo se sedimenta pela repetição entre rabiscos, desenhos, objetos, esculturas e pinturas. Pigmentos de terra e barro amalgamam esse universo-conjunto de coisas-memórias, fazendo colidir nascimento, morte e renascimento. Não basta a imagem do desenhista compulsivo, acumulador voraz ou do menino solitário que fuçava no armário. Porque, segundo ele, "são tantos eus dentro da gente", que a memória das coisas passa a ser os pedacinhos que iluminam eus concretos e virtuais, potenciais, latentes, recalcados...

Sua prática é a montagem viva de fragmentos e a catalogação movediça de museus flutuantes, compostos de tempos vividos, sonhados e ancestrais. Museus feitos do ruído de seus contatos, do silêncio de suas distâncias, da expressão de suas contradições. Assim nasceu a exposição "Tantos museus dentro da gente", em meio às conversas no ateliê, transformando-se numa ampla retrospectiva que atravessa as séries como Urbanália (1980), Ex-Votos (1997), Ilhas (2000), Carros (2001), Recortes de Parede (2004), Ecce Homo (2013) e Desenhos Diários (2015).

Facas, escadas, livros, ossos, asas, ilhas, cabeças... Tudo isso pode aparecer dezenas e centenas de vezes em seus trabalhos, mas cada coisa é sempre outra, tantas outras, ainda que seja também a mesma.